

LISBOA NAS NARRATIVAS ESTRANGEIRAS DO SÉCULO XII

Carlos Guardado da Silva (1)

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Introdução

Lisboa era, no século XII, uma cidade antiga, de matriz orientalizante, cuja fundação remonta(va) aos séculos VIII-VII a.C. Era uma cidade alcandorada numa das sete colinas, fechada no interior de muralhas (a cerca velha), erguidas em inícios do século IV, e reedificadas entre finais do século X e inícios do séc. XI, na sequência da conquista e saque da cidade em 953 (2), por Ordoño III, rei de Leão, que a procurava tomar, encontrando-se sob domínio islâmico desde 714. Uma cidade cercada, que se estendia, porém, para além da cerca para três arrabaldes, a oriente e a ocidente. Deste lado, o Tejo entrava na cidade por um esteiro pouco profundo que parece explicar o seu próprio nome (3).

A cidade encontra(va)-se junto de um amplo estuário, que a tradição conhece(ra) por “mar da palha (4)”, próximo da desembocadura do Tejo, que desagua no oceano atlântico.

Para além da extensa área, a cidade e os arrabaldes eram densamente povoados, com uma população que atingiria os 25 a 30 mi habitantes, ainda que dados recentes trazidos pela Arqueologia proponham uma leitura revisionista da área urbana da cidade, duplicando-a de 30ha (5) para 50 a 60ha (6), uma dimensão defendida com base apenas na localização de um conjunto de sítios arqueológicos, que não ultrapassam muito a área que viria a ser enquadrada pela muralha fernandina, isto é a área tradicionalmente referida para Lisboa de 30ha, quando já Raul de Glanville tinha referido a existência de dois arrabaldes a ocidente e de outro no sítio de Alfama. São de natureza diversa as narrativas estrangeiras (7) do século XII sobre Lisboa, situando-se entre os textos dos geógrafos árabes herdeiros do género *Masālik wa l-mamālik* da escola nascida no Oriente, como o *Kitāb al-masālik wa l-mamālik (Liber viarum et regnorum)* de Ibn Ḥurradābih (8), e as narrativas epistolográficas dos cruzados participantes na conquista de Lisboa ou transmissores do acontecimento, redigidas em latim, nomeadamente os relatos de R[ao], Arnulfo, Vinando (9), Anónimo e Duodequino.

De entre as três narrativas árabes de Lisboa, datadas do século XII, contam-se: o *Kitāb Farḥat al-Anfus*, de Ibn Ghālib (10), que morreu em Granada em 1175/1176; o *Kitāb al-Ja'rāfiyya*, de Al-Zuhrī (11), autor almeriense, que morreu entre 1154 e 1161; e a *Nuzhat al-muštāq fī lḥtirāk al-afak* (texto publicado em 1592, com o título *De Geographia Universali* ou *kitāb Nuzhat...*, de al-Iḍrīsī (12), que teria nascido em Ceuta em 493H./1099 e morrido na Sicília em 560H./1166 (13). Pois tendo ainda **Yāqūt** [ibn 'Abd Allāh] **al-Ḥamawī** nascido em 575 H. /1179, na Ásia Menor, e morrido em

Alepo, em 626 H./1229, a sua obra *Muʿjam al-Buldān* [Dicionário dos países], uma compilação onde encontramos referências a Lisboa, data porém da segunda metade da década de 20 do século XIII, tendo sido escrito entre cerca de 1224 e 1228.

As narrativas árabes

IBN GHĀLIB, no *Kitāb Farḥat al-Anfus*, descreve a cidade de Lisboa do seguinte modo:

«Confina com o alfoz da cidade de Santarém. É uma cidade antiga. E tem uma qualidade manifesta na excelência dos seus frutos. E pelas potencialidades que dispõe para a caça e para a pesca. Os seus falcões são os melhores de todos. Nos seus montes há colmeias de um mel branco puro, que se assemelha ao açúcar no sabor.

Tem uma jazida rica em ouro puro. Entre as suas cidades contam-se Sintra e Monte Sião. Recolhe-se na costa marítima de Lisboa o excelente e incomparável âmbar, que ultrapassa em qualidade todos os outros âmbares, não se lhe assemelhando senão o âmbar da Índia. Apoderaram-se os cristãos de Santarém, Sintra e Lisboa no ano de 541(14) [13-06-1146/02-06-1147]. Eram treze mil homens. Todos morreram no combate, sobrevivendo apenas pouca gente».

Depois de situar o termo de Lisboa, junto do de Santarém, Ibn Ghālib faz uma referência à longa história da cidade, descrevendo-a como «antiga». De seguida, ocupa-se da agricultura, distinguindo a qualidade dos seus frutos, da caça e pesca, referindo de forma genérica as suas potencialidades e distinguindo o «excelente e incomparável» âmbar, já referenciado de modo idêntico por al-Rāzī, no século X. O geógrafo destaca ainda os seus falcões, como «os melhores de todos», e o mel branco puro. A par da fertilidade que a cidade manifestava, extraída da terra e do mar, a riqueza de Lisboa distinguia-se pela presença de uma jazida rica de ouro puro, na margem esquerda do rio Tejo, a que aludiram também os geógrafos árabes coevos al-Zuhrī e al-Idrīsī e que encontramos nos autores latinos desde Plínio-o-Velho (15). Ibn Ghālib termina com uma referência à conquista da cidade, que situa no ano de 541 da Hégira, isto é antes de 2 de Junho 1147, tomando como referência não Lisboa mas a conquista da cidade de Santarém, em 15 de Março de 1147. Acerca da mesma, regista de modo singular a presença de 13 mil soldados.

Al-Zuhrī é ainda mais sintético na descrição que faz da cidade de Lisboa, no *Kitāb al-Jaʿrāfiyya*:

«(...) Lisboa, no oceano Atlântico [*al-baḥt al-Aʿẓam*] (...)» (16).

«(...) a cidade de Lisboa, que está no final deste rio conhecido como Tejo, onde desemboca no mar. Nela situa-se o segundo local onde se encontra ouro. E não há ouro em *al-Andalus* a não ser em [três] lugares (17), sendo mencionado adiante o terceiro, se Deus Altíssimo quiser. Esta cidade tem muitos víveres em produtos hortícolas, cereais e outros. Nela há maçãs como as da Arménia, cujo diâmetro é de três palmos, mais ou menos. Entre esta cidade e a cidade de Talavera está a grande ponte conhecida como ponte da

Espada (18), que é uma das maravilhas do mundo (19) [...]» (20).

Como Ibn Ghālib, al-Zuhrī situa geograficamente a cidade junto da desembocadura do Tejo, destacando a já referida presença de ouro. De seguida, faz uma breve referência à riqueza e quantidade dos víveres, produtos hortícolas e cereais, distinguindo as suas maçãs, comparáveis apenas às da Arménia (21). Termina com uma referência às vias de comunicação, entre Lisboa e Toledo, não fosse al-Zuhrī um geógrafo, testemunho da via fluvial do Tejo que ligava Lisboa a Toledo, via Santarém, *Qunayṭarat Maḥmūd*, Alcántara, *Maḥāḍa* e Talavera.

Quando comparada com as descrições de Lisboa de Ibn Ghālib e al-Zuhrī, a descrição da cidade de Lisboa de al-Idrīsī, que encontramos na *Nuzhat al-muštāq fī lḥtirāk al-afak*, é um pouco mais extensa:

«(...) De Alcácer, de que se fez menção, à cidade de Lisboa [*Lušbūna* (22)], são duas jornadas (23). A cidade de Lisboa está a norte do rio chamado Tejo, que é o rio de Toledo. A sua largura diante da cidade é de seis milhas, e a maré faz-se aí sentir violentamente. É uma cidade bela, que se estende ao longo do rio. Tem uma muralha e uma alcáçova inexpugnável. No centro da cidade há nascentes de água quente, no verão como no inverno.

Lisboa está nas proximidades do Mar Tenebroso [*‘alā naḥr al-Baḥar al-Muzlim*]. Na margem do rio, a sul, em frente a Lisboa, está o castelo de Almada [*ḥiṣn al-Ma’din*], que é assim chamado porque quando o mar está agitado atira para esta margem pepitas de ouro puro. Durante o inverno, os habitantes da região deslocam-se para esse castelo para trabalharem na jazida até ao fim do inverno. É uma das maravilhas do mundo, que vimos pessoalmente (24). Foi da cidade de Lisboa que partiram os aventureiros [*maḡrūrūn*], sulcando o Mar Tenebroso, para conhecerem o que nele havia e quais eram os seus limites, como referimos antes [*qlima III*]. Têm na cidade de Lisboa, próximo das Termas, uma rua [*darb*] com o seu nome, designada por Rua dos Aventureiros, para sempre.

(...) Da cidade de Lisboa, seguindo ao longo do rio [*ma’a al-naḥr*], até à cidade de Santarém, para leste, são oitenta milhas. E o caminho entre ambas faz-se em alternativa por terra ou por rio. E entre ambas há a campina [*faḥs*] de *al-Balāṭa*, da qual os habitantes de Lisboa e a maioria dos habitantes do Ġharb contam que o trigo que aí se semeia não permanece na terra mais que quarenta dias até que se possa ceifar e que cada espiga rende perto de cem».

Al-Idrīsī começa por descrever a distância, de duas jornadas, entre Alcácer e Lisboa, seguindo o seu itinerário, situando a cidade junto do Tejo, onde a maré se faz sentir violentamente. Descreve as suas virtudes, considerando-a uma cidade bela, continuando com uma referência acerca do urbanismo e defesa, nomeadamente a muralha e a alcáçova inexpugnável, aspecto relevante quando os edifícios do poder, aos olhos destes autores, marcavam simbolicamente a cidade, fazendo-a. Depois destaca no centro da cidade a existência de nascentes de água quente [*al-ḥammā = ḥimma*], quer no verão quer no inverno, fenómeno que explica certamente a existência do microtopónimo ‘Alfama’, a que alude igualmente o cruzado R[ao],

autor do relato de *A conquista de Lisboa aos mouros*, com a expressão *balnea calida* (25). E refere igualmente a existência de pepitas de ouro puro tiradas do Tejo. Como geógrafo, descreve também as vias de comunicação, por terra e pelo rio, entre Lisboa e Santarém, indicando, porém, a distância de 80 milhas, exagerada quando comparada com as 42 milhas referidas por al-Rāzī [888-955], autor que nos dá, neste aspecto, uma informação mais próxima da realidade. Assim, al-Idrīsī situa a cidade de Lisboa no final de um itinerário, também militar, como Lisboa seria o ponto final do itinerário da Segunda Cruzada direcionada para Lisboa descrito por R[ao]l de Glanville.

Por último, al-Idrīsī conta-nos o relato dos famosos aventureiros, que partiram de Lisboa em direcção ao 'Mar Tenebroso' [*alā naḥr al-Baḥar al-Muẓlim*], testemunho da navegação atlântica em mar alto, relato que al-Ḥimyarī reproduzirá, mais tarde, quase na íntegra. Trata-se do testemunho de uma habitual e dinâmica atividade marítima, e certamente da existência de um porto em Lisboa, apesar de este não ser referido pelo autor árabe (26), assim como de Ibn Abī 'Āmir al-Manṣūr ter preterido a cidade em favor de Alcácer [do Sal] para a instalação de um arsenal atlântico, na ocasião da sua expedição contra Santiago de Compostela, embora o posicionamento de Lisboa lhe permitisse assumir esse papel de modo vantajoso.

Todavia, se os três geógrafos são unânimes em destacar a sua localização estratégica, junto ao mar, não referem qualquer função portuária, assim como os demais autores árabes (27). As escassas referências a Lisboa no conjunto das narrativas árabes, assim como a alusão ao 'Mar Tenebroso' testemunham nitidamente o carácter periférico da cidade relativamente ao al-Andalus e ao Islão. Situação que seria sentida de modo idêntico do lado da Cristandade ainda no século seguinte, como atesta o argumento de Urbano IV, que autorizara o bispo de Lisboa, D. Mateus (1258-1282), a não se apresentar em Roma para a visita *ad limina*, porque a cidade situava-se *in remotis mundi finibus* (28).

Também não parece ser impossível descortinarmos o Tejo ao entardecer num dos tão conhecidos poemas breves de Ibn Sara [c.1123], poeta que viveu entre Santarém e Lisboa:

*olhai o rio em seu manto:
que noiva o tingiu do açafreão?"* (29).

Do conjunto, destaca-se a cidade pelo seu urbanismo. Todavia, os autores árabes do século XII descrevem a cidade quase numa só pincelada (30), fazendo referência à alcáçova (*qaṣaba*) forte, assim como às suas velhas e poderosas muralhas, erguidas no século IV, e reconstruídas depois de 953. Nas muralhas abriam-se as portas, ainda que Ibn Ghālib, al-Zuhrī e al-Idrīsī não as mencionem.

Descrevem a riqueza da cidade e dos seus campos, a extensa região de terrenos férteis, as boas frutas, os legumes e os cereais que cresciam na fértil campina de *al-Balāṭa*, entre Lisboa e Santarém, assim como as águas generosas do Tejo que lançavam à terra ouro, fenómeno que explica a fixação do topónimo 'Almada' [*al-ma'din*, jazida, mina], na margem esquerda do Tejo. Terra que era também pródiga na caça, assim como o rio e o mar em peixe. O âmbar reforçava a generosidade das águas comparável à generosidade das terras férteis.

Lisboa era ainda ponto final de itinerários que vinham por terra, desde Badajoz,

passando por Elvas e Santarém, ou por mar, desde Algeciras, passando por *Cadix*, *Santamarya al-Gharb* (Faro), Silves, Alcácer do Sal; e por rio, desde Toledo e, após a conquista da cidade por Afonso VI de Leão e Castela, desde Talavera, passando por *Alcántara* (da Espada) e Santarém. Era uma das capitais provinciais (*Kūra de al-andalus*), cujo termo confinava com os termos de Santarém, Beja e *Ossónoba*, e dela dependiam vários povoados como a vila (*qarya*) de Alcabideche e a de Sintra, esta a povoação mais importante, após Lisboa, que seria celebrizada em *al-Andalus* devido às suas maçãs.

As narrativas latinas

Também são diversas as narrativas latinas estrangeiras, do século XII, relativas a Lisboa, maioritariamente de carácter epistolográfico, sendo talvez a mais conhecida o relato do cruzado R[ao]l acerca da conquista de Lisboa em 1147, que integra um pequeno conjunto de textos coevos do acontecimento, como as cartas dos cruzados Arnulfo, Vinando, [Anónimo] e Duodequino, textos que, pelas suas semelhanças, levaram Charles W. David a considerá-los derivados de uma fonte comum, a que chamou “fonte teutónica”, o que seria confirmado recentemente por Susanne B. Edginton. Todavia, sendo textos relativos à Lisboa de Undecentos, objecto de análise por Maria João V. Branco e Aires A. Nascimento, focalizam-se nos acontecimentos de 1147, não nos oferecendo uma descrição da cidade, excepto no caso de R[ao]l, o autor do relato mais extenso da conquista de Lisboa, de que nos ocuparemos mais adiante.

Adicionem-se ainda outras narrativas estrangeiras, do século XII, com referências pontuais a Lisboa: a *Historia Compostellana*, a *Crónica do Imperador Afonso VII* e a *Crónica Najerense*, provavelmente escrita nos anos 70 do século XII.

A *Historia Compostellana* refere-se, tal como o *Kitāb al-ja'rāfiyya* de al-Zuhrī, da segunda metade do século XII, e a *Nuzhat* de al-Idrīsī, ao porto de Lisboa, integrando-o, naquele caso, no conjunto dos portos de onde as esquadras muçulmanas partiam para efectuar as razias nas costas «portuguesas» e da Galiza, nos inícios do século XII, antes do enfraquecimento da dinastia berbere. Para além de Lisboa, figuram Sevilha, Saltés, Silves e Alcácer do Sal, como portos de esquadras e, à excepção de Lisboa, de estaleiro naval (31). Na época Almorávida, manteve-se uma importante actividade comercial no porto de Lisboa, de que nos dá testemunho al-Idrīsī, mas também militar, como nos mostra uma passagem da *Historia Compostellana* a propósito das expedições dirigidas pelos Banū Maymūn, almirantes da frota almorávida, por volta de 1113: «Por este mesmo tempo os de Sevilha (Hispalenses), os de Saltés (Saltenses), os Castelenses (de Alcácer do Sal) (32), os de Silves (Siluenses), os de Lisboa (Lisbonenses) e outros sarracenos que habitam nas costas desde Sevilha até Coimbra, costumam construir naves e vindo de barco com gente armada devastavam e saqueavam as regiões costeiras desde Coimbra até aos Pirenéus [tradução nossa]» (33).

Na *Crónica Najerense*, um relato histórico que abrange o período desde a criação até meados do século XII, encontram-se apenas duas breves referências a Lisboa, porém relativas ao século X: o saque da cidade por Ordoño III, em 953, limitando-se a registar que Ordoño «saqueou Lisboa» (34), assim como o saque, a devastação e a tomada de Lisboa pelo rei Afonso (35)[VI].

Igualmente breve é a referência, não descritiva, a Lisboa na *Chronica Adefonsi*

Imperatoris, da autoria provável de D. Arnaldo, bispo de Astorga entre 1144 e 1152 ou 1153 (36), que regista, na sequência da vitória no recontro de Cernesa, entre Fernando Pérez e o conde Rodrigo Vela e Afonso Henriques, este regressou a Portugal em defesa do castelo de Leiria, que o rei “edificou” frente a outro castelo que os mouros possuíam chamado Santarém, «para combater tanto Santarém como Lisboa, Sintra e os demais castelos dos muçulmanos que há nos arredores [tradução nossa]» (37).

Deste modo, a mais importante narrativa estrangeira de Lisboa, no século XII, quer pela qualidade quer pela sua extensão, deve-se ao relato do cruzado R[ao], *De Expugnatione Lyxbonensi* (38) que a descreve, sob o título «**a cidade de Lisboa**». Seguimos a tradução [e algumas notas ao texto] do eminente latinista Aires A. de Nascimento, cujo texto se transcreve:

«É o Tejo um rio remansoso que desce da região de Toledo; nas suas margens no tempo da Primavera, quando se recolhe ao leito, encontra-se ouro (39) e é também tão grande a abundância de peixes que os habitantes acreditam que dois terços do rio é de água e um terço de peixes. Tem tanta abundância de conquilhas como de areia. Uma coisa é de salientar, é que os peixes deste rio mantêm pelo tempo fora a sua gordura e sabor natural, sem se alterarem nem apodrecerem, como acontece entre nós, quaisquer que sejam as circunstâncias.

(...) A norte do rio, no topo de um monte redondo, fica a cidade de Lisboa, cujas muralhas descem em socalcos até à margem do rio Tejo, dele ficando separadas apenas por um pano de muralhas que assentam no chão. No momento da nossa chegada **era a mais rica e opulenta em provisões de toda a África e de grande parte da Europa**. Está situada no Monte Ártabro (40) que se prolonga até ao Mar de Cádiz. Delimita o céu, as terras e os mares; é limite para as terras, pelo facto mesmo de aí terminar a costa hispânica e por no seu contorno começar o Mar da Gália e a fronteira setentrional, delimitando aí também o Oceano Atlântico e o Ocidente.

Porque de Ulisses vem o nome de Lisboa, crê-se que a cidade foi fundada por ele (41). Os seus territórios, no perímetro em redor, se forem comparados com os melhores não ficam atrás de nenhum, pela fartura dos produtos do solo, se atendermos à produtividade quer das árvores quer das vinhas. É rica em qualquer mercadoria seja de artigos de luxo seja de uso corrente. Tem ouro e prata e nunca faltam produtos de ferro. Predomina a oliveira. Nada fica nela por cultivar ou é improdutivo nem fica sem trazer uma messe abundante. Não amanham o sal, mas escavam-no. É de tal modo rica em figos que dificilmente seremos capazes de consumir uma ração. Até os terrenos áridos estão recobertos de pastos. É famosa por muitos géneros de caça. Não tem coelhos, tem aves de muitas espécies. É saudável de ares. Tem, por outro lado, esta cidade banhos quentes (*balnea calida* (42)).

Por outro lado, ao tempo da nossa chegada, a cidade, incluindo os subúrbios em volta, contava com 60 000 famílias que pagavam tributo, a que se somavam os homens livres isentos de impostos. O cimo do monte é cingido por uma muralha em redondo e tanto da esquerda como da direita as muralhas da cidade descem em declive até à margem do Tejo. Os arrabaldes ficam

albergados sob as muralhas, a modo de bairros recortados nas rochas, de tal forma que cada bairro se toma por castelo bem fortificado, tais são os obstáculos de que está rodeado. Tem mais população do que se poderia imaginar, pois, como depois de tomarmos a cidade pudemos saber do alcaide, ou seja, do governador, chegou esta cidade a ter 154 000 homens (43), sem contar crianças e mulheres, se bem que incluindo neste número as pessoas do castelo de Santarém que neste ano foram expulsas desse castelo e ali moravam como recém-chegados e bem assim todos os nobres de Sintra, Almada e Palmela, além de **muitos mercadores** vindos de todas as regiões de Espanha e de África. Embora sendo tantos, apenas tinham 15 000 de armas, com lanças e escudos e com elas saíam a combater ora uns ora outros, segundo plano estabelecido pelo alcaide.

Os edifícios formam aglomeração tão apertada que dificilmente se conseguirá encontrar ruas com mais de oito pés de largura a não ser nas dos mercadores. Razão para tamanha aglomeração era que não havia entre eles nenhuma forma de entrave, pelo que cada um se dava a lei que queria, de tal modo que de todas as partes do mundo, os maiores viciados para aí convergiam como para uma sentina, viveiro de toda a licenciosidade e imundície (44). (...) Seguidamente, e a pouco e pouco, os nossos pegam em armas enquanto os inimigos se vão infiltrando nos arrabaldes, travando aos nossos a entrada com pedras atiradas do telhado das casas que formavam uma cerca à maneira de muralha em toda a extensão (45).

(...) Já, porém, por entre as ruas estreitas...

(...) Encontravam-se, por último, os nossos num cemitério dos inimigos (46)...

(...) seguidamente foi encontrada, na nossa parte do arrabalde, dentro de covas rasgadas na encosta do monte, uma quantidade de perto de umas cem mil cargas de trigo e de cevada, de milho e de legumes, provisões que eram para a maior parte da cidade. Efectivamente, junto das muralhas, a exiguidade do espaço e a quantidade de habitações familiares bem como a dureza da rocha firme ou também, no vale, a abundância de águas impediam que se abrissem covas (47).

Entretanto, os mouros, ao longo de alguns dias fazem sortidas frequentes contra os nossos, pois, como frente a nós tinham três portas (48), duas laterais e uma frente ao mar (49) era-lhes fácil sair e voltar.

(...) Ao bispo da cidade (50), um ancião de muitos anos, cortam-lhe o pescoço, contra o direito divino e humano.

(...) No dia em que se celebrava a Festa de Todos os Santos, em louvor e honra do nome de Cristo e da sua Santíssima Mãe, foi feita a purificação do templo pelo arcebispo e por mais quatro bispos sufragâneos [de Braga] (51) e restaurada a diocese como sede do episcopado, com os seguintes castelos e terras: para além do Tejo, o castelo de Alcácer, o castelo de Palmela, a zona de Almada; aquém do Tejo, o castelo de Sintra, o castelo de Santarém, o castelo de Leiria. Os limites vão do castelo de Alcácer até ao castelo de Leiria e do mar, a ocidente, até à cidade de Évora.

Sobreveio seguidamente uma peste tão grande entre os mouros que pelas vastidões dos ermos, pelas vinhas e pelas aldeias e praças, bem como pelas casas em ruínas jaziam inúmeros milhares de cadáveres à mercê das feras e

das aves; os que ainda tinham vida, semelhantes a fantasmas que andassem errantes à face da terra, abraçavam-se ao sinal da cruz e beijavam-no, confessavam que Maria, cheia de bondade, é a bem-aventurada Mãe de Deus, de tal modo que em tudo o que fazem ou dizem, mesmo nos momentos extremos, misturam invocações a Maria boa, boa Maria e lhe dirigem apelos angustiados.

(...) Quando olhamos para a cidade destruída e para o castelo arruinado, para os campos devastados, para a **terra reduzida a solidão** e não vemos qualquer morador nos campos e tudo é luto e gemido...(52)».

R[ao] começa por localizar a cidade junto ao rio Tejo, elemento físico determinante para a sua identificação e caracterização, mas também a fonte de parte da riqueza de Lisboa, como regista. Desde o ouro (53) recolhido nas margens do rio, quando desce o caudal próximo da Primavera, à grande abundância de peixe e bivalves, a riqueza é tamanha de tal modo que o cruzado não se priva do exagero, registando que «os habitantes acreditam que dois terços do rio é de água e um terço de peixes (54)» e que «tem tanta abundância de conquilhas como de areia».

A abundância retirada das águas era ainda aumentada com a «fatura dos produtos do solo», nomeadamente as árvores de fruto, destacando-se as oliveiras e as figueiras, e as vinhas e os pastos. À riqueza retirada da fertilidade dos solos, juntava-se a proveniente da actividade venatória, porque Lisboa «é famosa por muitos géneros de caça. Não tem coelhos, [mas] tem aves de muitas espécies. No que diz respeito aos coelhos, informação contrária é-nos fornecida pelo Foral de Lisboa de 1179, nomeadamente aquando da fixação dos tributos a pagar: «caçador de coelhos que for à espera para o monte, e aí caçar, dê uma pele de coelho. E aquele que por lá demorar oito dias ou mais dê um coelho com pele.» (55).

A riqueza da cidade era tal que o cruzado inglês não se conteve de a registar, por duas vezes, em jeito de síntese, referindo «[Lisboa] é rica em qualquer mercadoria seja de artigos de luxo seja de uso corrente», não esquecendo o sal, e, comparando-a ao mundo que conhecia, «era a mais rica e opulenta em provisões de toda a África e de grande parte da Europa».

Lembremos tão-somente que se trata da descrição da cidade por um nórdico, que chega pela primeira vez a uma cidade do sul, mediterrânica, e que ficara maravilhado face à sua dimensão, riqueza e concentração arquitectónica e populacional. Lisboa era então o maior aglomerado do *Gharb al-Andalus*, com cerca de 25 mil ou mesmo 30 mil habitantes, o dobro do número estimado por Alexandre Herculano. É aliás a forte densidade populacional que parece explicar a estruturação da rede paroquial da cidade medieval, já completa em 1191 (56), com 23 freguesias dentro e fora de muros (57), número que se manteve até meados do século XVI, quando, em 1551, foi instituída a freguesia do Loreto.

Os números fornecidos pelo cruzado inglês, em *A conquista de Lisboa aos mouros*, acerca da população de Lisboa e subúrbios, em 1147, parecem, no entanto, inverosímeis, dado o cômputo de «60 000 famílias que pagavam tributo, a que se somavam os homens livres isentos de impostos... chegou esta cidade a ter 154 000 homens, sem contar crianças e mulheres, se bem que incluindo neste número as pessoas do castelo e ali moravam como recém-chegados e bem assim todos os nobres de Sintra, Almada e Palmela, além de muitos mercadores vindos de to-

das as regiões de Espanha e de África» (58). Trata-se, naturalmente, da leitura de alguém que ficou deslumbrado com a densidade populacional, que a toponímia parece atestar (59), e com a riqueza da cidade e da região em redor. Uma população numerosa, provavelmente aumentada com a dos arrabaldes, que se refugiou no interior das suas muralhas, e que contribuiu, sobretudo depois da conquista de Santarém, para a defesa da cidade (60), explicando talvez, em parte, os elevados números referidos pelo cruzado.

R[ao]l identifica Lisboa como uma cidade cercada, com os referidos arrabaldes (*rabaḍ*) - dois a ocidente e o de Alfama. A descrição de uma cidade fraccionada, tal qual nos aparece nas obras dos autores árabes, onde se distinguem a *madīna(t)* e os arrabaldes, encontrando-se estes fisicamente separados da cidade pela muralha. Na muralha, existiam três portas (61), aquando da sua conquista, em 1147, que ficavam do lado do acampamento dos Ingleses, isto é, do lado ocidental da cidade: portas de *Alfofa*, do *Ferro* e do *Mar*, registadas pela documentação coeva, de Duzentos e de Trezentos, já outrora referidas pelo olisipógrafo Augusto Vieira da Silva (62).

Breves são as referências urbanísticas. Todavia, o cruzado inglês refere, como se captasse a cidade no instante de um *flash*, Lisboa era rasgada por ruas estreitas, salvo na zona do *suq*, em volta da mesquita, onde «difícilmente se conseguirá encontrar ruas com mais de oito pés de largura a não ser nas dos mercadores» (63). Da parte do Ocidente, nas imediações da mesquita grande, saía-se da cidade pela monumental *Porta Férrea* (64) ou *Porta do Ferro* (65) e penetrava-se num outro labirinto urbano que descia pela encosta até ao esteiro, que servia de porto de abrigo da cidade, onde, nos seus areais, carpinteiros e calafates construiriam e reparariam embarcações.

R[ao]l deixa-nos também uma referência aos banhos quentes (= *balnea calida* (66)) ou termas, testemunhados pelo topónimo 'Alfama' (do árabe *al-hammā*, designando «termas, fonte de água quente» (67)) e celebrizados pelos autores árabes nas suas 'Geografias'.

Lisboa era uma grande cidade portuária, que disputava a importância do seu porto, já em inícios do século XII (cerca de 1113), antes do enfraquecimento da dinastia berbere, com Sevilha, Saltes, Cacela(?), Silves e Alcácer do Sal, todos, como vimos anteriormente, portos de esquadras de onde partiam as razias costeiras para os territórios de *Portucale* e Galiza (68). Testemunham-no as já referidas fontes árabes - o *Livro de Geografia* (*Kitāb al-ja'rāfiyya*) de al-Zuhrī, da segunda metade do século XII, e a *Descrição* (*Nuzhat*) de al-Idrīsī - e ainda a *Historia Compostellana*, como um dos mais importantes portos de *al-Andalus* com a presença de mercadores europeus e de África (69), onde a navegação e as actividades económicas ligadas ao mar contribuiriam fortemente para a evolução urbana e, conseqüentemente, para um aumento demográfico da região, como notaram al-Idrīsī e Ibn Sa'īd.

O cruzado de Glanville não deixa de fazer alusão à lenda da fundação da cidade por Ulisses (70), identificando a origem do nome de Lisboa com o herói da Odisseia, que terá certamente Solino (23, 6) como fonte, directa ou indirectamente, através, neste caso, das «histórias dos sarracenos», como se lhe referem as cartas de Duo-dequino, Anónimo e Arnulfo.

Curiosa é a referência à presença de um bispo na cidade que, no momento das conversações com os sitiados, a 21 de Outubro de 1147, surge nas muralhas da

cidade com o alcaide e as principais personalidades do burgo (71). Seria, muito provavelmente, o chefe da comunidade cristã que, sendo «um ancião de muitos anos», teria sido eleito ainda cerca de 1094 ou 1095, quando D. Afonso de Leão manteve a cidade de Lisboa algum tempo sob domínio cristão, e que os cristãos confundiriam por mouro, “condenando-o” à morte, «contra o direito divino e humano».

Na verdade, sendo o islamismo a religião da elite dominante, não seria talvez maioritária na cidade de Lisboa, lugar deixado à religião cristã, situação que parece justificar a presença de um bispo. Assim como parece difícil de explicar de outro modo, que não este, o comportamento dos cristãos que se encontravam na cidade na sequência de uma peste «tão grande entre os mouros que pelas vastidões dos ermos, pelas vinhas e pelas aldeias e praças, bem como pelas casas em ruínas jaziam inúmeros milhares de cadáveres à mercê das feras e das aves; os que ainda tinham vida, semelhantes a fantasmas que andassem errantes à face da terra, abraçavam-se ao sinal da cruz e beijavam-no, confessavam que Maria, cheia de bondade, é a bem-aventurada Mãe de Deus, de tal modo que em tudo o que fazem ou dizem, mesmo nos momentos extremos, misturam invocações a ‘Maria boa, boa Maria’ e lhe dirigem apelos angustiados» (72).

Em meados do século XII, quando o processo de islamização se encontrava avançado em outras cidades de *al-Andalus*, a população de Lisboa seria maioritariamente cristã, apesar do clima de liberdade religiosa (73). Comunidade cristã que se organizaria, após a conquista da cidade e a instituição da diocese, depois de Abril de 1148 e antes de 8 de Dezembro de 1149, data da primeira referência a D. Gilberto à frente da Sé de Lisboa, uma vez que naquela data ainda não constava nenhum bispo de Lisboa entre os sufragâneos portugueses do arcebispo de Braga, sendo Lisboa representada por Eldebrede, um arcediogo da cidade.

A dimensão da diocese seria descrita por R[aol] «com os seguintes castelos e terras: para além do Tejo, o castelo de Alcácer, o castelo de Palmela, a zona de Almada; aquém do Tejo, o castelo de Sintra, o castelo de Santarém, o castelo de Leiria. Os limites vão do castelo de Alcácer até ao castelo de Leiria e do mar, a ocidente, até à cidade de Évora».

Conclusão

São escassas as referências a Lisboa nas narrativas estrangeiras, árabes e latinas, do século XII, testemunhando, claramente, o carácter periférico da cidade relativamente ao *al-Andalus* e ao Islão, assim como à Cristandade, *in remotis mundi finibus*. Todavia, Lisboa e o espaço em redor sobressaem nas descrições integrando uma região rica e dinâmica. Se é verdade que Idrīsī não cita Lisboa enquanto estaleiro naval, a referência de que os aventureiros lisboetas partem à descoberta do mar tenebroso [*alā naḥr al-Baḥar al-Muḥlim*], feito único nos anais da história muçulmana para a costa ocidental, mostra-nos que os seus habitantes tinham o hábito de navegar, por vezes, fora da vista das costas, e a construção de embarcações aparentemente capazes de afrontar o largo oceano. Deste modo, al-Idrīsī notara o papel da navegação e das actividades económicas ligadas ao mar no processo de evolução do tecido urbano e do peso demográfico da região, em crescimento desde o século IX.

O cruzado inglês R[aol] confirma igualmente, e para o mesmo período, este dinamismo do porto de Lisboa (74), tal como a *Historia Compostellana* testemunha o

porto de Lisboa nas escalas da esquadra dos Banū Maymūn, almirantes da frota almorávida, na primeira metade do século XII.

A cidade beneficiava de um comércio marítimo e de riquezas mineiras, em particular as de Almada, tornando-se um centro artesanal e comercial activo, que vinha em crescendo desde o século IX. O autor do relato de *A conquista de Lisboa aos mouros* considera o porto de Lisboa como um dos portos mais importantes de al-Andalus com a presença de mercadores europeus e de África. Sendo uma praça estratégica, situada na embocadura do Tejo, beneficiou de uma conjuntura que se afirmou no século X sobre as zonas periféricas do mundo muçulmano.

O exagero dos quantitativos populacionais pode dever-se tão-somente à constatação de uma forte densidade populacional em volta da cidade.

Em suma, fica-nos, apesar das escassas informações, a ideia de um renascimento económico de longa duração. A actividade económica, segundo os autores árabes, gravitava em torno da cidade, apesar do peso demográfico e produtivo dos campos. Pois os circuitos comerciais e monetários – mais fiscais do que comerciais - partiam e terminavam nos centros urbanos. A cidade de Lisboa, como outras cidades médias do *Gharb al-Andalus*, criou uma rede urbana suficientemente estruturada para captar as energias económicas da terra e do mar, radiando sobre os campos. Uma economia viva e em desenvolvimento que permite mostrar que, no período islâmico e pelas mãos dos árabes, a navegação conheceu um forte impulso.

Da riqueza descrita pelos geógrafos sobressai uma produção largamente dominada pela agricultura, fazendo depender da cidade a produção e o mundo rural. A cidade abrigava os rendeiros ricos, beneficiando da produção rural, através da comercialização dos produtos, mercado de destino dos excedentes dos camponeses, assim como para ela drenariam os impostos pagos por aqueles.

Nas narrativas latinas, o acontecimento de maior relevo recai naturalmente na conquista de Lisboa, em Outubro de 1147, quer pela dimensão e simbolismo da empresa no alargamento do território da Cristandade, quer pela autoria dos textos, quer ainda pela integração do acontecimento na Segunda Cruzada, factores que contribuíram certamente para reforçar a fama do primeiro monarca, para além da Península Ibérica e junto da Santa Sé. Pois, como bem sintetizou Maria João Branco, se Lisboa parece não se afigurar para os muçulmanos como um local-chave na estratégia do domínio militar, já para os cristãos, «a conquista de Lisboa tinha um valor estratégico que ficava muito para lá dos aspectos meramente militares [...]». Lisboa significava a consolidação das conquistas dos anos anteriores, e a translação definitiva do esforço de conquista do eixo do vale do Mondego para o do vale do Tejo» (75), onde verdadeiramente se engrandecera e consolidara a figura do primeiro monarca e se consolidaria a independência do reino, iniciada anos antes em Coimbra.



Notas

1. Director do Arquivo Municipal de Torres Vedras & Professor Auxiliar Convidado da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. carlos.guardado@clix.pt.
2. *Chronicon de Sampiro*. In FLÓREZ, Enrique - *España Sagrada*. Madrid: Imprensa de Don Pedro Marin, 1786, tomo XIV, p. 469.
3. A este propósito veja-se SILVA, Carlos Guardado da - Em busca das origens do nome Olisipo. *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. 2ª ed. Lisboa: Colibri, 2010, pp. 35-37.
4. O seu nome parece dever-se aos resíduos vegetais arrastados pelas águas do rio e empurrados pelo vento, desde as lezírias Riba Tejo até este mar interior.
5. SILVA, Carlos Guardado da - *op. cit.*, p. 78.
6. Cf. BUGALHÃO, Jacinta - Lisboa Islâmica: uma realidade em construção». *Xelb (Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve)*. Silves: Câmara Municipal, 9 (2009), p. 383. Uma proposta que carece de melhor fundamentação, uma vez que se apoia nos sítios arqueológicos grandemente situados no espaço que viria a ser enquadrado pelas muralhas fernandinas, portanto com cerca de 30ha, partindo do princípio de que todos os espaços no interior estariam ocupados e de que as habitações identificadas se encontravam densamente povoadas.
7. Tomamos o termo 'estrangeiro' do latim *extranĕus* (-a,-um), o que 'é de fora', de *extra* ('fora'). Cf. «estrangeiro». HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles - *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002. tomo III: D-FRE, p. 1634. O mesmo sentido que encontramos para o termo 'estrangeiro' no século XIV, aquele ou aquilo 'que é de fora' por oposição ao que é 'natural' do reino. A este propósito veja-se também FERNANDES, Fátima Regina - O conceito de estrangeiro em Portugal na Baixa Idade Média: um estudo de caso. *Sep. Revista de Ciências Históricas*. Porto: Universidade Portucalense - Infante D. Henrique, XIV (1999), p. 95.
8. PICARD, Christophe - *Le Portugal musulman: VIII^e – XIII^e: L'Occident d'al-Andalus sous domination islamique*. Paris: Maisonneuve & Larose, 2000, p.12.
9. A sua carta teria servido de matriz aos relatos de Arnulfo e Duodequino. Cf. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa aos mouros: relato de um cruzado*. Lisboa: Vega Editora, 2001, p. 40, nota 7.
10. IBN GHĀLIB [Muḥammad ibn Ayyūb Ibn Ghālib al-Gharnāṭī] - Ed. parcial de L. 'Abd al-Badī - Naṣṣ andalusī ḡadīd. *Revue de l'Institut des Manuscrits Arabes*. Cairo: Institut des Manuscrits Arabes, 1/2 (1955), p. 291. Trad. Espanhola VALVÉ BERMEJO, J. - Una descripción de España de Ibn Ghālib. *Anuario de Filología*. Barcelona: Universitat de Barcelona, 1975. p. 380. Tradução portuguesa de SIDARIUS, Adel, REI, António - Lisboa e seu termo segundo os geógrafos árabes. *Arqueologia Medieval*. Porto: Afrontamento, 7 (Abr. 2001), pp. 42-43.
11. AL-ZUHRĪ [Muḥammad Ibn Abī Bahr al-Zuhrī] - *Kitāb al-Ja'rāfiyya*. Trad. Española de BRAMON, Dolores - *El mundo en el siglo XII: estudio de la versión castellana y del "original" árabe de una geografía universal: "El tratado de al-Zuhrī"*. Barcelona: Editorial AUSA, 1992, pp. 147-148 e 247. Tradução portuguesa de SIDARIUS, Adel, REI, António - *op. cit.*, pp. 48-49.
12. AL-IDRĪSĪ [Abū 'Abd Allāh Muḥammad Ibn 'Abd Allāh al-Šarīf al-Idrīsī] - *Nuzhat al-muštāq fi Ḥṭirāk al-afak = Al-Idrīsī opus geographicum*. Nápoles: Instituto Universitario Orientale di Napoli ; Roma: Instituto per il Medio e Estremo oriente, 1975, pp. 547-549. ; trad. francesa DOZY, R. e GOEJE, M. J. - *Description de l'Afrique et de l'Espagne par Edrīsī: texte arabe publié pour la première fois d'après les man. de Paris et d'Oxford avec une traduction, des notes et un glossaire*. réimpression anastatique. Leiden: E. J. Brill, 1968; nova tradução francesa JAUBERT, revista por NEF, Annliese - *La première Géographie de l'Occident*. Présentation, notes, index, chronologie et bibliographie par Henri BRESCE et Annliese NEF. Paris: Flammarion, 1999; Tradução portuguesa de SIDARIUS, Adel, REI, António - *op. cit.*, p. 49-51.
13. al-Idrīsī nasceu em Ceuta, em 1099, e estudou em Córdoba, tendo passado grande parte da sua vida ao serviço dos reis normandos da Sicília, Rogério II e Guilherme I. É autor da *Nuzhat al-muštāq fi Ḥṭirāk al-afak* [«Prazer do que está seduzido para a peregrinação pelo interior do mundo»], ou *Kitāb Rujār* [Livro de Rogério], composto por Idrīsī para o rei Rogério II da Sicília, que governou o Estado normando de Itália do Sul de 1105 a fevereiro de 1154. al-Idrīsī é descendente de al-Idrīs, fundador do reino idrīsida do Magreb e de Fez - Ḥammūdī - membro do ramo ibérico dos Idrisidas. Cf. BRESCE, Henri ; NEF, Annliese - *op. cit.*, pp.13-14. Idrīsī começou a escrever o seu livro *Nuzhat al-muštāq fi Ḥṭirāk al-afak*, preparado havia quinze anos, sob a ordem do rei, em *shawwal* 548 H. (Janeiro de 1154), um mês e meio antes da morte de Rogério. A parte do livro que trata de *al-Andalus* estaria terminada antes da chegada da notícia da reconquista de Almeria pelos muçulmanos (1157) tenha chegado a Palermo. IDEM - *Ibidem*, p. 18-19.
14. Tendo presente a equivalência desta data no calendário cristão, a conquista de Santarém parece ter determinado a memória árabe da conquista do vale do baixo Tejo, uma vez que a tomada de Lisboa aconteceria apenas em Outubro de 1147, já no ano 542 da Hégira.

15. GUERRA, Amílcar - *Plínio-O-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri, 1995, pp. 40-41. [PLIN 33, 66].
16. **AL-ZUHRĪ** - *op. cit.*, p. 139, § 206.
17. Nos rios de Lérida, Tejo (Lisboa) e Darro (Granada).
18. Trata-se da ponte de Alcântara (provincia de Cáceres).
19. Depois da queda de Toledo, em 1085, passou a ligar Lisboa apenas a Talavera.
20. Contrariamente a B. Fernández Capel-Baños no referente a Granada, a notícia de al-Zuhrī sobre Lisboa não depende de al-Uḡrī. Cf. SIDARIUS, Adel, REI, António - *op. cit.*, p. 48.
21. «E esta terra [Arménia a Maior] é de pouco pão e pouco vinho e muitos gados, e o mais que bebem é leite e sidra que fazem de maçãs, que há muitas e muito grandes. E guardam-se na árvore todo o ano e mais e levam-nas a muitas partes [tradução nossa]». **AL-ZUHRĪ** - *op. cit.*, p. 241, § 193.
22. al-Idrīsī usa também a variante *Ušbāna*.
23. Cerca de 40 milhas.
24. Referência que pode não ser de al-Idrīsī, mas da sua fonte, uma vez que não é certo que o geógrafo árabe tenha estado alguma vez na cidade, situação que parece reforçada pela sua descrição das termas face aos restantes testemunhos. Cf. também BRESC, Henri, NEF, Anliese - *op. cit.*, p. 16.
25. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa aos mouros: relato de um cruzado*. Lisboa: Vega Editora, 2001, p. 76. No século XVI, ainda a água brotava quente numa fonte junto do Chafariz d'El Rei, referida por Damião de Góis, na sua *Urbis Olisiponis Descriptio*. Cf. GÓIS, Damião - *Urbis Olisiponis Descriptio = Elogio da cidade de Lisboa*. (ed. de Aires A. Nascimento). Lisboa: Guimarães Editores, 2002.
26. Referido na *Historia Compostellana* e no relato do cruzado R[ao].
27. MAZZOLI-GUINARD, Christine - *Ciudades de al-Andalus: España y Portugal en la época musulmana: siglos VIII-XV*. Granada: Ediciones ALMED, 2000, p. 265; OLIVEIRA-LEITÃO, André de - *O povoamento no Baixo Vale do Tejo: entre a territorialização e a militarização: meados do século IX – início do século XIV*. Lisboa: [s.n.], 2011. Dissertação de Mestrado em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 20.
28. FARELO, Mário Sérgio da Silva – *A oligarquia camarária de Lisboa: 1325-1433*. Lisboa: [s.n.], 2008. Dissertação de Doutoramento em História Medieval apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, p. 2.
29. LOPES, Graça Videira - "em lisboa sobre lo mar": imagens de Lisboa na poesia medieval. In KRUS, Luís, OLIVEIRA, Luís Filipe, FONTES, João Luís, coord. - *Lisboa Medieval: os rostos da cidade*. Lisboa: Livros Horizonte, 2007, p. 423.
30. As descrições mais completas de Lisboa são posteriores, encontrando-se em al-Himyārī e no *Dīkr*.
31. FALQUE, Emma - *Historia Compostellana*. Madrid: Ediciones Akal, 1994, pp. 244-245; SILVA, Carlos Guardado - *Lisboa Medieval: a organização e a estruturação do espaço urbano*. 2.ª ed. Lisboa: Colibri, 2010, p. 57.
32. Julgamos poder-se identificar com habitantes de Alcácer do Sal, dado o termo se poder referir aos habitantes de al-Qaṣr, designação próxima do termo castelo na língua árabe.
33. FALQUE, Emma - *op. cit.*, p. 244-245. SILVA, Carlos Guardado - *Lisboa Medieval*, p. 73-74.
34. ESTÉVEZ SOLA, Juan A., ed. - *Crónica Najerense*. Madrid: Ediciones Akal, 2003, II, 30, p. 143.
35. *Idem*, III, 20, p. 181.
36. PÉREZ GONZÁLEZ, Maurilio, ed. - *Crónica del Emperador Alfonso VII*. Léon: Universidade de Léon, [1997], pp. 24-25.
37. IDEM – *Ibidem*, p. 87 [I: 79].
38. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, pp. 75-79.
39. Referências transmitidas desde Gaio Plínio Secundo, que nasceu em finais de 23 ou inícios de 24 d.C.), em PLIN 33, 66: «*Aurum inuenitur in nostro orbe, ut omittamus Indicum a formicis aut apud Scythas grypis eutum, tribus modis: fluminum ramentis, ut Gange Indiae, nec ullum absolutius aurum est, ut cur-su ipso attrituque perpolitum. Alio modo puteorum scrobibus effoditur aut in ruina montium quaeritur*». = «Não falando do que na Índia é extraído pelas formigas ou pelos grifos na região dos Citas, o ouro no nosso planeta explora-se de três formas: em pepitas, nos rios, tal como no Tejo da Hispânia, no Pó da Itália, no Hebro da Trácia, no Páctolo da Ásia e no Ganges da Índia – e não há ouro mais terso porque é purificado pelo atrito da própria corrente. O outro processo é explorá-lo cavando poços ou então desfazendo os montes». Cf. GUERRA, Amílcar - *Plínio-O-Velho e a Lusitânia*. Lisboa: Edições Colibri, 1995. pp. 40-41. Veja-se também a referência em Isidoro - *Etimologias*. 13, 21, 33: «este rio tem grande quantidade de areias auríferas...». Também, mais tarde, **IBN GHĀLIB** - *op. cit.*, p. 291 ; **AL-ZUHRĪ** - *op. cit.*, p. 139, § 206; e al-Idrīsī, em BRESC, Henri, NEF, Anliese - *op. cit.*, p. 16.
40. Solino, 23, 5, fundado em Plínio, *HN* 4, 113. O autor confunde o Monte Ártabro (cabo Finisterra) com o monte olisiponense (cabo da Roca).
41. Solino, 23, 6, será certamente a fonte. Os outros relatos da conquista de Lisboa - Duodequino, Anó-

nimo e Arnulfo – remetem para «histórias dos sarracenos», o que desvanece um pouco a dependência directa da fonte latina conhecida, sendo a referência à origem da cidade devedora muito provavelmente do reconto oral, após a sua conquista. Uma idêntica referência já em Marciano Capela (*De nuptiis Mercurii et Philologiae*, 6, 628-630) e em Isidoro (*Etimologias*, 15, 1, 70).

42. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa aos mouros*, p. 76. No século XVI, ainda a água brotava quente numa fonte junto do Chafariz d'El Rei, referida por Damião de Góis, na sua *Urbis Olisiponis Descriptio*. Cf. GÓIS, Damião - *op. cit.*

43. Número exageradíssimo para Herculano.

44. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, pp. 77-79.

45. IDEM – *Ibidem*, p. 101.

46. O *almocavar* (no Intendente), onde até ao século XVI ficava o cemitério dos mouros e judeus. *Ibidem*, p. 101.

47. IDEM – *Ibidem*, p. 105.

48. Número referido mais à frente no relato, p. 141.

49. Portas de Alfôfa, do Ferro e do Mar.

50. Aquando das conversações com os sitiados, surgem «nas muralhas da cidade o próprio alcaide com o bispo e as principais personalidades do burgo...». NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, p. 93.

51. D. João Peculiar, arcebispo de Braga, e D. Pedro Pitões, bispo do Porto, referidos no texto. Os outros dois seriam dentre os três seguintes: D. Mendo, bispo de Lamego, D. Odório, bispo de Viseu e D. João Anaia, bispo de Coimbra. Não seria ainda D. Gilberto de Hastings, que viria a ser sagrado bispo depois da restauração da catedral. *Idem*, p. 174, nota 202.

52. *Idem*, p. 143. Deixamos aqui um agradecimento especial a Aires Augusto Nascimento, a quem solicitamos a utilização do texto por si traduzido, e a cuja solicitação anuiu de imediato.

53. Referências transmitidas desde Gaio Plínio Secundo, que nasceu em finais de 23 ou inícios de 24 d.C.), em PLIN 33, 66: «*Aurum inuenitur in nostro orbe, ut omittamus Indicum a formicis aut apud Scythas grypis eutum, tribus modis: fluminum ramentis, ut Gange Indiae, nec ullum absolutius aurum est, ut cursu ipso attrituque perpolitum. Alio modo puteorum scrobibus effoditur aut in ruina montium quaeritur*». = «Não falando do que na Índia é extraído pelas formigas ou pelos grifos na região dos Citas, o ouro no nosso planeta explora-se de três formas: em pepitas, nos rios, tal como no Tejo da Hispânia, no Pó da Itália, no Hebro da Trácia, no Páctolo da Ásia e no Ganges da Índia – e não há ouro mais terso porque é purificado pelo atrito da própria corrente. O outro processo é explorá-lo cavando poços ou então desfazendo os montes». Cf. GUERRA, Amílcar - *op. cit.*, pp. 40-41. Veja-se também a referência em Isidoro - *Etimologias*. 13, 21, 33: «este rio tem grande quantidade de areias auríferas...». Também, mais tarde, IBN GHÁLĪB - *op. cit.* p. 291; AL-ZUHRĪ - *op. cit.*, p. 139, § 206; e al-Idrīsī, em BRESC, Henri, NEF, Anliiese - *op. cit.*, p. 16.

54. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa aos mouros*, p. 77.

55. Foral de Lisboa de 1179. In CAETANO, Marcelo - *A Administração Municipal de Lisboa durante a 1ª dinastia: 1179-1383*. Lisboa: Livros Horizonte, 1990, p. 98.

56. Traslado datado de 1346 da divisão das igrejas da diocese entre o prelado e o Cabido de Lisboa de 1191. Veja-se a nota 1372 em FARELO, Mário Sérgio da Silva - *op. cit.*, p. 249.

57. SILVA, Carlos Guardado da - *Lisboa Medieval*, pp. 120-121.

58. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, p. 79.

59. SILVA, Carlos Guardado da - A toponímia e o povoamento moçárabe, árabe e islâmico na região de Loures. In *O Medieval e o Moderno em Loures: Viagens pelo património*. Loures: Museu Municipal, 1999, pp. 13-20. Também são numerosos os topónimos em volta de Sintra, testemunhos uma população rural intensa. As obras biográficas, sobretudo de naturais de Córdova ou orientais, referem a existência de alguns homens de letras ou sábios nascidos em aldeias da região. E de igual modo a descoberta de epígrafes funerárias, em Oeiras ou em Frielas, confirmam a presença de uma forte densidade populacional, à escala alto-medieval, em volta da região Santarém-Lisboa-Sintra, uma das partes mais ricas de *al-Andalus*.

60. SILVA, Carlos Guardado da - O Mosteiro de S. Vicente de Fora: Fundação, organização interna e património rural: séculos XII-XIII». *Olisipo*: Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa». Lisboa: Grupo de Amigos de Lisboa, II Série 13 (Jul./Dez. 2000), p. 30.

61. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, p. 105.

62. SILVA, Augusto Vieira da - *A Cêrca Moura de Lisboa: estudo histórico descritivo*. 3ª ed. Lisboa: Câmara Municipal, 1987, p. 43.

63. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, p. 79.

64. IDEM – *Ibidem*. p. 127; ARQUIVO NACIONAL TORRE DO TOMBO (ANTT) - *Direitos Reais*. Liv. 2, fl. 101-101v., 1276 Julho 22.

65. ANTT - *Chancelaria de D. Fernando*. Liv. 1, fl. 70v., 1371 Março 2.

66. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, p. 76. No século XVI, ainda a água brotava quente numa fonte junto do Chafariz d'El Rei, referida por Damião de Góis, na sua *Urbis Olisiponis Descriptio*. Cf. GÓIS, Damião - *op. cit.*
67. A explicação encontra um forte apoio na descrição que Idrīsī faz da cidade de Lisboa: «Au centre de la ville sont des sources d'eau chaude en hiver comme en été». DOZY, R. e GOEJE, M. J. - *op. cit.*, p. 223; MACHADO, José Pedro - *Ensaio Arábico-Portugueses*. Lisboa: Editorial Notícias, 1987, pp. 261-262.
68. FALQUE, Emma - *op. cit.*, pp. 244-245.
69. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, p. 77.
70. Solino, 23, 6, será certamente a fonte. Os outros relatos da conquista de Lisboa - Duodequino, Anónimo e Arnulfo – remetem para «histórias dos sarracenos», o que desvanece um pouco a dependência directa da fonte latina conhecida, sendo a referência à origem da cidade devedora muito provavelmente do reconto oral, após a sua conquista. Uma referência já em Marciano Capela (*De nuptiis Mercurii et Philologiae*, 6, 628-630) e Isidoro (*Etimologias*, 15, 1, 70).
71. NASCIMENTO, Aires A., ed. - *A conquista de Lisboa*, p. 93.
72. IDEM – *Ibidem*, p. 143.
73. IDEM – *Ibidem*, p. 95.
74. IDEM – *Ibidem*, p. 75.
75. BRANCO, Maria João Violante - A conquista de Lisboa revisitada: estratégias de ocupação do espaço político, físico e simbólico. In 2º Congresso Histórico de Guimarães: *Actas do Congresso*. Guimarães: Câmara Municipal - Universidade do Minho, 1996. Vol. 2: *A política portuguesa e as suas relações exteriores*, pp. 124-125.

Ilustração



Fig. 1 - A Cidade de Lisboa no século XII